ATUAÇÃO DO PIBID NA CONSTRUÇÃO DE REDES DE PROTEÇÃO ÀS INFÂNCIAS: O USO DO SEMÁFORO DO TOQUE COMO ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO DO ABUSO SEXUAL EM ALUNAS/OS DOS ANOS INCIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I DURANTE O PIBID

Raíssa Santos Amarante[1], Adriana de Oliveira Borba[1],
Carolina Rodrigues Lincoln-de-Carvalho[2], Tássio Acosta[1]

[1]Universidade Santa Cecília – Programa PIBID-UNISANTA
[2]Universidade Santa Cecília – Coordenadora Institucional PIBID-UNISANTA

E-mail: amaranteraissa5@gmail.com

RESUMO – O artigo analisa a aplicação da atividade **Semáforo do Toque** em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental como estratégia pedagógica de prevenção ao abuso sexual infantil. Desenvolvida por licenciandas do PIBID em parceria com a professora supervisora, a proposta utilizou recursos lúdicos para ensinar às crianças os limites do corpo, a identificação de situações de risco e a busca por ajuda. Os resultados evidenciam a relevância da educação preventiva, da formação docente e da articulação entre escola, família e rede de proteção para o fortalecimento da segurança e dos direitos das infâncias.

Palavras-chave: prevenção ao abuso sexual infantil; educação preventiva; proteção da infância; formação inicial de professores; PIBID.

THE ROLE OF PIBID IN BUILDING CHILD PROTECTION NETWORKS: THE "TOUCH TRAFFIC LIGHT" AS A STRATEGY FOR PREVENTING SEXUAL ABUSE AMONG EARLY ELEMENTARY SCHOOL STUDENTS AT PIBID

ABSTRACT *– This article analyzes the implementation of the* ***Traffic Light Touch*** *activity with a second-grade elementary school class as a pedagogical strategy for preventing child sexual abuse. Developed by pre-service teachers participating in PIBID in partnership with the supervising teacher, the project used playful educational resources to teach children about body boundaries, the identification of risky situations, and how to seek help. The findings highlight the importance of preventive education, teacher preparation, and collaboration among schools, families, and child protection networks to promote children's safety and rights.*

Keywords: child sexual abuse prevention; preventive education; child protection; initial teacher education; PIBID.

1 INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é um programa do Ministério da Educação que integra a Política Nacional de Formação de Professores e tem como objetivo incentivar a iniciação à docência e melhorar a qualidade da educação básica pública. Ele promove a inserção de estudantes de licenciaturas no cotidiano das escolas públicas, fortalecendo a formação teórica e prática dos futuros professores. Valoriza a escola pública como espaço de formação, incentiva práticas pedagógicas inovadoras, a pesquisa e a extensão, contribuindo para o aprimoramento dos cursos de licenciatura e para a construção da identidade profissional docente.

A escola onde o Projeto[1] foi desenvolvido iniciou suas atividades em 2008 e integra a rede pública de ensino em regime de tempo integral, atendendo crianças da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I. Dispõe de uma infraestrutura ampla, distribuída em quatro andares, com salas climatizadas, elevador, sistema de segurança eletrônica e variados espaços pedagógicos, como biblioteca, laboratório de informática, brinquedoteca, auditório, estúdio educacional e áreas destinadas às práticas esportivas com gramado sintético.

A proposta pedagógica está alinhada à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em consonância com o currículo municipal, assegurando aos docentes autonomia para o planejamento e organização dos conteúdos ao longo dos semestres. A matriz curricular contempla componentes como Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Artes, Educação Física, Língua Estrangeira, Libras e Ensino Religioso. O quadro profissional é composto por aproximadamente 20 docentes do Ensino Fundamental I, além de professores especialistas e educadores responsáveis pela jornada ampliada. A equipe se destaca pelo compromisso com a prática pedagógica, pelo trabalho coletivo e pela atenção ao desenvolvimento integral dos estudantes.

Atualmente, a escola atende 229 alunos com idades entre 6 e 11 anos, todos em período integral, provenientes de um contexto social marcado por significativa vulnerabilidade socioeconômica. Conta com equipe gestora e funcionários de apoio completos, favorecendo um ambiente organizado, acolhedor e funcional. Assim, a instituição exerce papel relevante como espaço de apoio e referência social, mantendo parcerias com serviços públicos e representantes da comunidade.

Para o desenvolvimento das atividades pedagógicas, são utilizados materiais didáticos fornecidos pela rede municipal, recursos tecnológicos como notebooks e estratégias de

[1] Número do Processo: 88887.110561/2025-00 (Migrado - EB)

acompanhamento educacional, incluindo suporte a estudantes com dificuldades de aprendizagem e necessidades educacionais específicas.

A atividade Semáforo do Toque foi desenvolvida no final do mês de junho, anteriormente ao período de férias e o consequente distanciamento da escola, pois, conforme identificado por Acosta (2022), a existência de profissionais multi na escola permite que as crianças estejam em constante exames e possíveis marcas ou traumas de violência sejam rapidamente identificados.

2 EDUCAÇÃO COMO PREVENÇÃO

A violência sexual contra crianças e adolescentes configura-se como uma grave violação aos Direitos Humanos e um problema social complexo, que exige ações preventivas contínuas e articuladas. Nesse contexto, a escola ocupa um lugar estratégico, pois é um dos primeiros espaços de socialização da criança fora do ambiente familiar.

Educar para prevenir é ponto de partida para que crianças possam compreender os limites de seus próprios corpos e como terceiros se relacionam com estes. Seja no olhar sexualizador, no comentário inconveniente ou no toque indesejado, quanto mais a criança for apresentada às diversas formas de abuso, ela terá maiores condições de reconhecer um abusador e, assim, denunciar à sua rede de proteção.

Entretanto, com o aumento dos neoconservadorismos e megafascismos no contemporâneo, muitas escolas têm se afastado da temática de educação sexual ou educação às sexualidades com o intuito de se evitar medidas persecutórias. Enquanto definição, entendemos neoconservadorismo por as formas como novas roupagens do conservadorismo tradicional foram impondo ao estado brasileiro, com base em uma suposta valorização da família tradicional brasileira, isto é, a de base heteronormativa e cristã conservadora (Acosta, 2022). Já por megafascismos, compreendemos como orientação "por ações pautadas por giros autoritários que, diferentemente do fascismo como feixe–fascio–organizado politicamente, atuam de forma impolítica" (Carvalho, 2025, p. 19).

Em virtude desta realidade nacional, professoras/es têm evitado abordar assuntos tidos como sensíveis, optando pela autocensura como forma de proteção de si e de seus empregos. Afinal, mesmo que as ações pedagógicas desenvolvidas nas escolas, orientadas por documentos legais e por livros aprovados pelo Plano Nacional do Livro Didático, estejam amparadas

institucionalmente, a moralização perversa da sociedade tem associado as escolas a espaços de degradação da família e risco às infâncias.

Por isso, afirmamos que ao desacreditarem a escola enquanto espaço de práticas de aprendizagem, de aproximação às diferenças e do conhecimento científico, invariavelmente, as crianças estarão expostas aos caprichos da perversidade humana. Logo, a forma mais eficaz de trazer segurança e proteção às infâncias é a da valorização da educação como meio mais eficaz à prevenção.

Se desnuda aqui um problema presente no contemporâneo: a Base Nacional Comum Curricular. Forjada no contexto do Golpe Parlamentar de 2016, retirou do documento oficial a temática de gêneros e sexualidades. Ao censurar estas temáticas, os corpos infantis ficaram mais expostos aos riscos e inseguranças pela ausência da educação à prevenção. Os discursos acionados à época, supostamente diziam ser orientados para defender as crianças das escolas. Mas, o que se denudou na sociedade foi a insegurança a que professores foram expostos ao sustentarem a importância de se educar para prevenir. Ao mesmo tempo, crianças e adolescentes ficaram sobre riscos maiores dada a inexistência do assunto.

Ainda que o foco do estudo de Altmann (2009) tenha sido turmas de "7ª série do ensino fundamental" (p. 176) e aqui estamos analisando a ausência da temática da prevenção a alunas/os do 2' ano do Ensino Fundamental I, compreendemos que a educação é um processo contínuo e que a prevenção ao abuso sexual deve ser implementada em todas as séries escolares - sempre respeitando os limites e possibilidades inerentes às faixas etárias.

Outrossim, a tríade escola-família-comunidade se torna de grande importância para que as práticas educacionais à prevenção conquistem os objetivos traçados nos planejamentos educacionais e reuniões de área. A escola precisa do apoio das famílias dos alunos para que as atividades de orientação e educação sejam positivas. A escola, sem o apoio da comunidade local, se torna impotente perante às necessidades urgentes que emergem no cotidiano social e educacional.

> Com o envolvimento de educadores e da escola, pode-se perguntar qual a efetividade de um ensino de habilidades para pais e crianças sobre abuso sexual infantil realizado pelos profissionais da educação. É bastante raro encontrar educadores com capacitação acerca do abuso sexual infantil. (...) Planejar, realizar e avaliar um programa com as estratégias apontadas pelos estudos anteriores parece ser um caminho possível para se verificar a eficácia de se capacitar profissionais e crianças para evitarem a ocorrência do abuso sexual. (Brino; Williams, 2008, p. 214)

Porém, se a família estiver mobilizada por campanhas de desinformação, em que associam as escolas a espaços de degradação, de deseducação ou de oposição ao *ethos* familiar hegemônico, muito dificilmente os professores terão condições de exercerem suas funções educacionais. Esta política de afeto negativa, influenciada pelo medo, é o que Acosta (2022) entende por pânico moral. Ou seja, um medo irracional da existência de uma suposta campanha atentatória contra algo; aqui, a formação das crianças e jovens em fase escolar.

Associar as escolas a espaços de insegurança serviu, sobremaneira, para que os temas sensíveis fossem excluídos da formação ética dos alunos e, por consequência, morais perversas eclodissem sistematicamente nos espaços virtuais. Outrossim, se os professores foram impossibilitados de abordar temáticas de gêneros e sexualidades a partir da ausência da temática na BNCC desde 2016, ano de sua aprovação, consequentemente, alunos que à época estavam no 2’ ano do Ensino Fundamental I e tinham 7 anos de idade, hoje são adolescentes de 17 anos que ocupam as redes sociais. Espaços esses que se tornaram locais propícios para práticas machistas e misóginas (CNN, 2026).

Ao alongarmos o fio histórico para a última década (2016-2026), podemos compreender como a imposição do silêncio na educação brasileira, enquanto política de medo, vem atentando justamente contra a segurança de crianças e adolescentes em fase escolar. Acosta e Filordi (2026) destacam que quando a escola deixa de cumprir a sua função de escolarizar e inserir seus alunos ao conhecimento científico, práticas sociais cotidianas como a cultura machista, misoginia, objetificação sexual de crianças e adolescentes e a cultura do estupro são ainda mais reificadas, aquilo que os autores entendem por moralização perversa da sociedade.

Neste sentido, sustentamos a importância da educação à prevenção e nos opomos veementemente às tentativas de censura que setores reacionários da sociedade brasileira vêm impondo às escolas, sobretudo à liberdade de cátedra por associar profissionais da educação como inimigos públicos da nação. O caso de Tatiana Lionço é emblemático: ao ter as suas falas deturpadas no Congresso Nacional - por meio de fake news, descontextualização, edição e desinformação - a então professora teve seu nome associado à pedófila.

Com base neste contexto histórico-político-cultural e frente à necessidade de pensar em práticas pedagógicas de proteção às infâncias contra o abuso sexual, desenvolvemos, com uma turma do 2’ ano do Ensino Fundamental I, a atividade Semáforo do Toque. A opção pela realização da atividade em junho, duas semanas antes das férias, decorre dos riscos a que muitas crianças são expostas quando do afastamento das escolas (Acosta, 2022). A isso se justificam inúmeros motivos, dentre eles, a rotina laboral que muitos responsáveis das crianças continuam exercendo em seus empregos sem, consequentemente, se fazerem presentes junto às crianças,

confiar as crianças a vizinhos e parentes que, em virtude dos vínculos de confianças, abusadores acabam por se aproveitar, e também por conta da precária rede de apoio a qual muitas famílias brasileiras infelizmente ainda têm.

3 SEMÁFORO DO TOQUE

A atividade aplicada na penúltima semana de aula, antes das férias de julho, foi dividida em dois momentos: no primeiro, um vídeo no youtube para os alunos assistirem coletivamente e depois, uma atividade de pintar com dois bonecos generificados com os círculos em determinadas regiões de seus corpos para aprenderem onde as pessoas podem ou não tocar.

O vídeo[2], em questão, bastante lúdico e colorido, inicia-se com a seguinte indagação em rima: "é o toque do sim, é o toque do não. Você sabe, criança, onde podem pôr a mão?" e, a partir de então, musicaram a seguinte letra:

> O toque do sim é um toque legal
> Você fica feliz e sente especial
> Já o toque do não é um toque do mal
> Traz vergonha e dor, uma culpa sem igual
> Então, fica esperto que tudo vai ficar legal
>
> Criança esperta já sabe muito bem
> Há um toque do mal e um toque do bem
> Se alguém quiser tocar no seu corpinho e você não confiar
> Então, não permita. Diga não!
>
> Sua mãozinho, sua boca, o qualquer outra parte
> Se alguém for tocar
> E você não gostar, então diga não!
> Não! Não! Não! Não!
> [repete a música mais uma vez]
>
> Agora meninas, ouçam o que eu vou falar
> O seu corpo é um tesouro que você tem que cuidar

[2] Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=V0ESLFC8l10&list=PLN1oyCcqibZQqxRIBXzhqh_DKR22NbXNJ acesso 5 ago. 2026

Seu bumbum, sua vulva e também os seus peitinhos
São lugares onde ninguém pode te fazer carinho

Garotos ouçam bem, prestem muita atenção
Seu bumbum e seu pênis devem ter a sua proteção
Vou te passar a real, se liga meu irmão:
Se alguém vier fazer carinho você deve dizer não

Se alguém quiser tocar no seu corpinho e você não confiar
Então, não permita. Diga não!
Sua mãozinho, sua boca, o qualquer outra parte
Se alguém for tocar
E você não gostar, então diga não!
Não! Não! Não! Não!

A ludicidade do vídeo é importante porque "sensível ao novo, a imaginação é também uma dimensão em que a criança vislumbra coisas novas, pressente ou esboça futuros possíveis" (Girardello, 2011, p. 75). A explosão de cores, ritmos e rimas facilita para as crianças observarem atentamente e memorizarem as mensagens marcadas pelo vídeo.

Por exemplo, em um dos trechos do vídeo, aparece o desenho de um adulto com um pirulito na mão e chamando uma criança brincando em um parquinho, que nega a investida da pessoa. Retratando como alguém desconhecido, informe-se, subliminarmente, às crianças que assistem ao vídeo que 'não se deve aceitar nada de estranho, mesmo que seja um pirulito grande e colorido'.

Logo na primeira estrofe, ao enfatizar à criança para 'ficar esperta e que tudo vai ficar legal', reitera-se a mensagem positiva de que o conhecimento é capaz de proporcionar sensação de segurança e discernimento sobre o que deve-se ou não aceitar para si e de terceiros. Justamente por isso, afirma-se, na segunda estrofe, de forma mais contundente: "não permita. Diga não!" quando da tentativa de um toque não condizente com a integridade e segurança.

No segundo momento da música, quando se divide de forma generificada quais partes dos corpos podem ou não tocar, os cantores são explícitos ao nomearem as partes dos corpos que não são passíveis de olhares, carícias ou toques indesejados: "Seu bumbum, sua vulva e também os seus peitinhos. São lugares onde ninguém pode te fazer carinho". Perceba que a rima fácil e a construção argumentativa da música busca facilitar a compreensão de todos que assistem sobre quais são os limites do corpo da menina. O mesmo ocorre quando vão abordar o corpo do menino: "Garotos ouçam bem, prestem muita atenção: seu bumbum e seu pênis

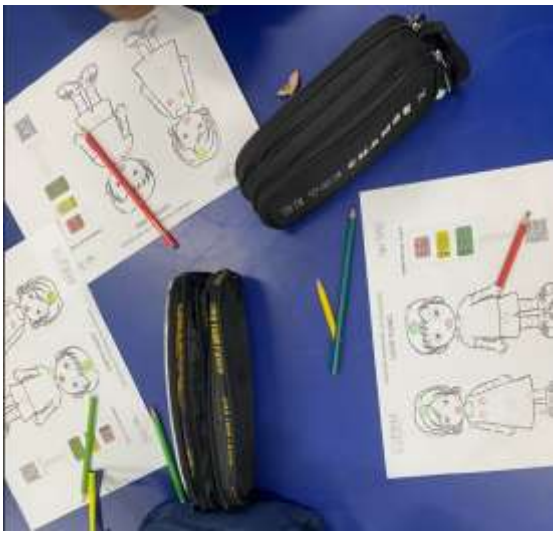
devem ter a sua proteção". Diferenciar as partes dos corpos femininos e masculinos ajuda as crianças a entenderem essa relação entre público e privado. Logo, é de grande importância a educação para a prevenção - tanto para os meninos como para as meninas -, pois os abusos sexuais infantis atingem ambos os gêneros.

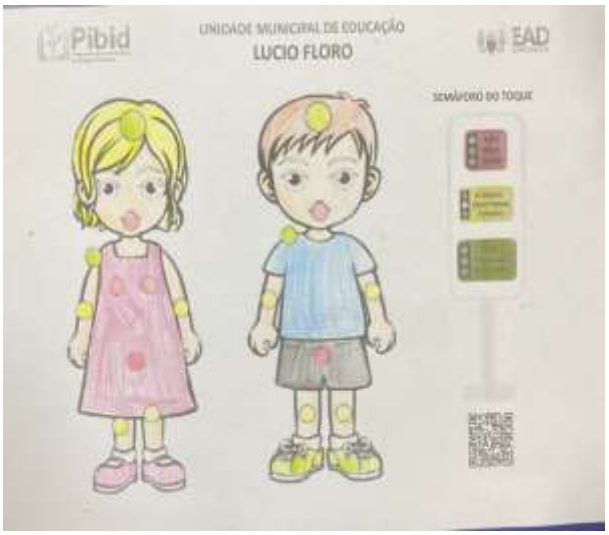
Já a última estrofe da música reafirma, para o menino e para a menina, que nenhuma parte de seus corpos pode ser tocada sem suas autorizações e, principalmente, aquelas nomeadas na música por serem de foro íntimo.

Dando seguimento à atividade, após as crianças assistirem ao vídeo, e sob o monitoramento da professora supervisora do PIBID, as PIBIDianas buscaram explicar as dúvidas que surgiram e a importância de as crianças terem o autocuidado e não permitirem que terceiros as tocassem sem as suas autorizações, sobretudo em suas intimidades. Em virtude de serem crianças de 7 anos de idade, entendemos, com base em Springora (2020), que a noção de consentimento nestas faixas etárias ainda não se sustenta seguramente e, por isso, a educação para a prevenção é a melhor forma de se orientar aos limites entre o público e o privado, o individual e o coletivo, o permitido e o proibido.

Com base no vídeo e nas explicações realizadas em sala de aula, a segunda etapa da atividade foi apresentada aos alunos: pintarem o semáforo do toque, identificando quais partes dos corpos dos meninos e das meninas podem ser tocadas, quais merecem atenção por poderem estar sob riscos e quais não podem ser por colocá-las em risco, conforme pode ser visto a seguir:

Figura 1: Semáforo do toque





(Fonte: dos autores 1, 2 e 4)

Como o objetivo da atividade estava circunscrito à identificação do que é público e privado nos corpos infantis, optamos por entregar as folhas impressas com o contorno dos personagens masculinos e femininos, ao invés de pedir que eles mesmos produzissem o desenho da menina e do menino. Outro ponto de escolha foi delimitar os espaços, já com os círculos, para que eles pudessem pintar com as cores verde, amarela e vermelha as partes que podem ser tocadas, aquelas que merecem atenção especial e as que não são permitidas ao toque. Para facilitar a compreensão, inserimos, ao lado dos bonecos, o desenho de um semáforo com as cores para que eles pudessem visualizar, lembrar e pintar, fortalecendo, assim, as suas memorizações e também criando analogia entre os semáforos das ruas e as partes de seus corpos para que sempre pudessem lembrar desta atividade lúdica. Por fim, abaixo do semáforo nós inserimos o qr-code para que, quando lido, a pessoa fosse direcionada diretamente ao vídeo no youtube com a música Semáforo do Toque, do Tio Som.

Santos, Silva e Oliveira (2023), ao analisarem a aplicação de uma atividade extensionista com o semáforo do toque, destacam que estas ferramentas pedagógicas podem atuar de forma efetiva na proteção das infâncias. Ainda para eles, muitos docentes costumam sentir insegurança ao abordar o tema do abuso sexual infantil em sala de aula. Essa insegurança está relacionada, principalmente, à falta de formação específica, ao receio de reações negativas das famílias e ao medo de possíveis conflitos institucionais.

Essa dificuldade enfrentada pelos professores dialoga com outros estudos da área educacional, que apontam que temas sensíveis, como sexualidade, violência e abuso, ainda são tratados como tabus no ambiente escolar (Vitiello, 1995; Furlani, 2007; Gonçalves, Paes, Favorito, 2015; Miranda, Campos, 2022). Em muitas situações, o silêncio acaba sendo utilizado como estratégia de proteção, quando, na realidade, pode ampliar a vulnerabilização das crianças.

Conforme ressalta Santos, Silva e Oliveira (2023), a prevenção não se resume à denúncia de casos, mas à construção de conhecimentos que permitam às crianças reconhecerem situações de risco e buscarem ajuda. A parceria entre universidade e escola básica possibilita a troca de saberes, o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras e a produção acadêmica comprometida com a transformação social situada.

A aplicação da atividade sobre prevenção do abuso sexual infantil, fundamentada na metodologia do Semáforo do Toque, possibilitou uma reflexão prática e aprofundada sobre os desafios enfrentados no cotidiano escolar ao abordar temas sensíveis. A dificuldade na abordagem da temática se intensifica especialmente em escolas inseridas em regiões de comunidade, marcadas por vulnerabilidade social, onde os educadores frequentemente se veem

divididos entre a responsabilidade pedagógica e o receio de possíveis interpretações equivocadas por parte das famílias - exatamente o perfil da escola parceira onde desenvolvemos as ações do PIBID.

Em nossa reflexão-ação, entendemos que muitos professores demonstram medo de abordar a temática, não por falta de compromisso com os alunos, mas pelo receio de conflitos com responsáveis, pela ausência de apoio institucional e pela insegurança quanto aos limites do que pode ou não ser discutido em sala de aula, o que aqui entendemos como autocensura docente.

Justamente por conta desse cenário, a atividade foi planejada com o cuidado de utilizar uma linguagem simples, lúdica e adequada à faixa etária, de modo a garantir a compreensão das crianças sem gerar constrangimentos. O recurso audiovisual mostrou-se fundamental para despertar a atenção dos alunos e facilitar a compreensão inicial sobre o conceito de toques permitidos e não permitidos.

Ainda quanto ao semáforo do toque, um momento importante da ação foi o qual se explicou às crianças como agir diante de um toque vermelho. Foi reforçado que, nessas situações, a criança deve dizer **não** de forma clara e livre, afastar-se da pessoa e contar o ocorrido a um adulto de confiança. Esse treinamento teve como objetivo fortalecer a autonomia das crianças e mostrar que elas têm o direito de proteger o próprio corpo e de buscar ajuda.

Como reforço positivo, o vídeo educativo foi retomado ao final da atividade, consolidando os aprendizados de forma leve e acolhedora. Um episódio que chamou a atenção das PIBIDianas foi quando um aluno demonstrou curiosidade ao questionar o motivo de a região dos seios estar classificada como toque vermelho. Essa observação evidenciou a importância de abordar o tema com clareza, pois revela dúvidas comuns que, se não forem esclarecidas, podem gerar confusão ou desinformação.

4 CONCLUSÃO

Ao longo de todo o percurso deste trabalho, desde os estudos teóricos até a vivência prática na escola, foi possível ampliar significativamente nossa compreensão sobre a importância de abordar, desde cedo, temas relacionados à proteção da infância e à prevenção do abuso sexual infantil. Inicialmente, assim como muitos educadores, também sentimos insegurança ao lidar com um assunto considerado sensível. No entanto, a experiência mostrou que o silêncio não protege e que a informação, quando trabalhada com cuidado e respeito, pode ser uma poderosa aliada na proteção das crianças.

A aplicação da atividade do Semáforo do Toque foi um momento marcante, pois permitiu observar, na prática, como as crianças são capazes de compreender conceitos importantes sobre limites do corpo e segurança pessoal quando a linguagem é adequada à sua faixa etária. A curiosidade demonstrada pelos alunos e as reflexões que surgiram durante a atividade reforçou a necessidade de a escola assumir seu papel como espaço de cuidado, orientação e escuta.

Entendemos ainda que o receio de abordagens equivocadas, de reações negativas por parte das famílias e a falta de preparo específico ainda são barreiras presentes no cotidiano escolar. Essa realidade nos fez refletir sobre a importância de uma formação docente que contemple não apenas conteúdos pedagógicos, mas também aspectos emocionais, éticos e sociais, preparando o professor para lidar com situações complexas que podem emergir em sala de aula. O PIBID se revela aqui como excelente programa de formação inicial aos futuros professores, inserindo-os na realidade da sala de aula e possibilitando-lhes ferramentas didáticas para melhor atuação profissional.

Outro aprendizado importante foi compreender que a proteção da criança é uma responsabilidade compartilhada. A escola, sozinha, não consegue dar conta dessa tarefa. A participação ativa e receptiva dos responsáveis é essencial para que o trabalho pedagógico seja fortalecido e para que a criança se sinta segura em todos os espaços que frequenta. Quando escola e família caminham juntas, o processo educativo se torna mais eficaz e significativo.

Por fim, a vivência proporcionada pelo PIBID foi fundamental para nossa formação inicial enquanto futuras docentes. O programa nos permitiu aproximar a teoria da prática escolar, desenvolver um olhar mais sensível às necessidades dos alunos e compreender que educar vai muito além de ensinar conteúdos, mas também de estar atento aos sinais mais sutis que as crianças apresentam na sala de aula.

Por fim, sustentamos que a experiência evidenciou que, embora iniciativas como o Semáforo do Toque sejam fundamentais para a prevenção do abuso sexual infantil, elas precisam estar acompanhadas de formação continuada, apoio institucional e articulação entre escola, família e rede de proteção.

5 AGRADECIMENTOS

Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior – CAPES pela concessão de bolsas do Programa de Iniciação à docência PIBID 2024-2026

A Secretaria de Educação – SEDUC da Prefeitura Municipal de Santos pela parceria com as

escolas municipais

A Universidade Santa Cecília – UNISANTA pelo apoio Institucional ao Programa PIBID

6 DECLARAÇÃO DE USO DE IA

Eu, *Raíssa Santos Amarante*, declaro que, durante a elaboração deste trabalho, utilizei a ferramenta ChatGPT para correção ortográfica e de pontuação, bem como sistematização e tradução do resumo. O conteúdo gerado foi revisado, editado e validado por mim, que assumo total responsabilidade pelo texto final.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, Tássio. **Anarqueologia do pânico moral.** Tese de Doutorado em Educação. Universidade Estadual de Campinas, 2022

ACOSTA, Tássio.; FILORDI, Alexandre Pânico moral, neoconservadorismo e megafascismo: disputas pela educação brasileira. **CADERNOS DE EDUCAÇÃO** -UFPEL (ONLINE), v. 1, p. 1, 2026.

ALTMANN, Helena. Educação sexual em uma escola: da reprodução à prevenção. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 136, p. 175–200, jan. 2009. Disponível em https://www.scielo.br/j/cp/a/KXthwVJ3PzMtmSpycSxbPyQ/?format=pdf&lang=pt acesso em 23 abr. 2026

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/mec.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 1996.

BRINO, Rachel de Faria e WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. Professores como agentes de prevenção do abuso sexual infantil. **Educ. Real.** [online]. 2008, vol.33, n.02, pp.209-229. ISSN 0100-3143. Disponível em educa.fcc.org.br/pdf/rer/v33n02/v33n02a15.pdf acesso 23 abr. 2026

CARVALHO, Alexandre Filordi de. Megafascismo e neoliberalismo a partir de Deleuze e Guattari: crítica à produção de subjetividades na educação contemporânea. **EDUCAÇÃO E FILOSOFIA** (UFU. IMPRESSO), v. 39, p. 1-26, 2025. Disponível em https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/74872/42566 acesso 23 abr. 2026

CNN. **SP:** colégio suspende alunos por mensagens sobre estupro e citação a Epstein. Redação, do Estadão Conteúdo Disponível em https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sudeste/sp/colegio-de-sp-suspende-alunos-apos-mensagens-misoginas-e-citacao-a-epstein-em-grupo-de-whatsapp/ acesso 23 abr. 2026

FURLANI, Jimena. Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da Educação Sexual. Educação em Revista, n. 46, p. 269–285, dez. 2007.

SANTOS, J. S.; SILVA, M. R.; OLIVEIRA, A. P. **Educação sexual e prevenção do abuso sexual infantil no contexto escolar**. *Revista Diversidade e Educação*, Rio Grande, v. 11, n. 2, p. 1–18, 2023. Disponível em: https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/17074.

FALEIROS, E. T. S.; FALEIROS, V. P. **Escola que protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes**. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

GIRARDELLO, Gilka. Imaginação: arte e Ciência na Infância. **Pro-Posições**, UNICAMP: Impresso, v. 22, p. 75-92, 2011. Disponível em https://www.scielo.br/j/pp/a/NzsgHwpBkM6X9gv7NvDvRWL/?format=pdf&lang=pt acesso 23 abr. 2026

GONÇALVES, Randys Caldeira; PAES, Daniela Cristina; FAVORITO, Ana Paula. Educação Sexual nas séries iniciais do Ensino Fundamental: O que educadoras da rede municipal de ensino de Pires do Rio (Goiás) têm a dizer?. **Multi-Science Journal**, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 69–78, 2018. DOI: 10.33837/msj.v1i3.122. Disponível em: https://ifgoiano.emnuvens.com.br/multiscience/article/view/122. Acesso em: 23 apr. 2026.

MIRANDA, Jean Carlos; CAMPOS, Isabela do Couto. EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS: UMA NECESSIDADE URGENTE. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 12, n. 34, p. 108–126, 2022. DOI: 10.5281/zenodo.7151234. Disponível em: https://revistaboletimconjuntura.com.br/boca/article/view/732. Acesso em: 23 abr. 2026.

SPRINGORA, Vanessa. **Le consentement.** Paris: Grasset, 2020.

TIO SOM. TOQUE DO SIM E TOQUE DO NÃO - Tio Som e Tia Laila. Disponível em Disponível em https://youtu.be/V0ESLFC8l10?si=MCRonp05o3K0HPXT&t=11 acesso 23 abr. 2026

VITIELLO, Nelson. A educação sexual necessária. Revista brasileira de sexualidade humana, v. 6, n. 1, 1995. Disponível em https://sbrash.emnuvens.com.br/revista_sbrash/article/download/793/679 acesso em 23 abr. 2026